

PALAVRA

ANNO I—NUMERO 15

Organ litterario

ASSIGNATURA: MEZ 500

REDACTORES: FERNANDO CALDEIRA E JULIO CAMPOS

COLLABORADORES: — DD. Delminda Silveira e Ibrantina de Oliveira, Virgilio Varzea, Jansen Junior Adolpho Mello, Faraco, H. de Carvalho, Arthur de Mello, A. Figueredo, S. Brazil, J. Boiteux, W. Bueno, L. Lapageße, Horacio Nunes, Sylvio Pellico, Eduardo Pires e Carlos de Jaria

REDACÇÃO—RUA DO SENADO N. 4 (SOBRADO)—PUBLICAÇÃO SEMANAL

SANTA CATHARINA — Desterro, 4 de Outubro de 1888

Associação do Professorado Catharinense

VI

CAIXA BENEFICENTE

Ao meu illustrado collega e particular amigo
Wenceslau Bueno de Gouvêa

O amor do proximo, esse sentimento que mais nobilita o coração humano, é para todos os homens um dever sagrado, prescripto no proprio Evangelho.

Por isso vemos em todas as partes do globo as differentes corporações que compõem os diversos povos, cogitarem nos meios de prevenir males futuros que por ventura lhes possam ameaçar os membros ou as familias d'estes.

A exemplo d'essas corporações, o Professorado Catharinense sentindo por sua vez a necessidade de pôr-se em contacto para socorrer-se na desgraça, promoveu também, com esse fim, a criação de UMA CAIXA BENEFICENTE—que tem por objectivo socorrer os respectivos membros, quando enfermos ou as familias d'estes, quando reconhecidamente pobres.

De todas as medidas adoptadas pela Associação do Professorado Catharinense, esta é sem duvida a mais salutar e proficua, por isso que garante a cada um de seus membros o direito de ser socorrido pela Associação nos dias de infortunio.

Com effeito, como nos é grato entrever no meio dos arduos trabalhos inherentes á nossa profissão, a probabilidade d'um fraternal auxilio quer para nós quer para nossos consocios!

Como suavisa-se o nosso labor quando vemos erguer-se um apoio fraternal para os dias de desgraça!

E, na verdade, se attendermos que o professor n'esta provincia mal ganha para sua subsistencia e que, em razão de seus exiguos vencimentos, não pode geralmente formar um fundo de reserva para acudir ás enfermidades que o possam accommetter; se considerarmos o fim que as mais das vezes elle deixa familia em extrema pobreza, comprehendemos a efficaz utilidade d'uma caixa beneficente que, mediante modesta mensalidade, paga em dias pros-

peros, assegura aos seus membros os auxilios indispensaveis na sorte adversa.

O que ha de ser do pobre preceptor que, ás voltas com uma grave enfermidade, não tem os meios de tratamento exigidos pela sua molestia? E se, esgotadas as forças vitae, esse professor succumbir á fatal enfermidade, o que ha de ser d'essa familia que assim perdendo o chefe que o sustentava, fica legada á miseria?

Só o pensar n'isso faz estremecer...

Felizmente ahí estará a Associação que, pela sua Caixa beneficente, saberá, como é de seu dever, acudir ao socio enfermo, á viuva ou orphãos.

Quanto áquelles que, por seus bens de fortuna, nunca

tem em condições de precisar dos auxilios pecuniarios da Associação, esses, elevando-se acima do vil egoismo, sentirão a satisfação intima de terem contribuido para o allivio das provações de seus collegas.

Esta parte beneficente da Associação não póde deixar de inspirar toda a sympathia do publico; o amor do proximo ha de necessariamente angariar-nos a protecção de pessoas generosas que, favorecendo a instrucção na pessoa d'aquelles que lhe consagram a vida, hão de concorrer para a prosperidade d'uma associação que, pelos fins a que visa, tem jus a esperar um risonho porvir.

Ha motivos para acreditar que assim seja, pois chegam-nos de toda parte echos sympathicos, francas adhesões de collegas do interior da provincia.

D'entre essas numerosas adhesões não posso resistir á tentação de publicar uma que nos foi dirigida por um professor jubilado. Eil-a:

« Desterro, 28 de Setembro de 1888. —Illm. Sr.— Accusando a recepção da circular de VV. SS., datada de 24 do passado, cumpre-me o dever de responder— que tão elevada honra jamais será esquecida por este velho amigo e acanhado collega.

« Li com a maxima attenção os Estatutos que acompanharam a alludida circular e comprehendí os vossos intentos com relação á classe a que per-

tencemos; praza a Deus que sejam elles coroados do exito que almejais.

« Não desanimeis, corajosos deveis affrontar quaesquer incidentes que por ventura se opponham á marcha dos vossos trabalhos, até que lanceis a ultima pedra no monumental edificio que principiastes a construir, para que seja elle o cofre inexpugnável das immunidades a que o professorado tem incontestaveis direitos.

Plena autorisação vos concedo para que me sejam descontadas pelo Thesouro Provincial a joia e mensalidades com que tenha de contribuir como socio effectivo de tão util Associação, e ponho á vossa disposição os meus insignificantes serviços.

Enviar-vos um fraternal abraço como prova de minha apreciação aos relevantes serviços que estaes prestando e continuareis a prestar á classe que por tantos annos luctou com acerbas contrariedades e dissensões.

« Deos seja comvosco.— Aos Illms. Srs. Presidente, 1º Secretario e mais membros do Conselho da Associação do Professorado Catharinense.—O professor jubilado, THOMAZ FRANCISCO XAVIER. »

Depois que um professor jubilado assim se exprimio relativamente á Associação, nada mais resta-me a dizer senão— que seria um crime de lesocolleguismo deixar de alistar-se n'uma associação como esta, cujo titulo encerra seu programma.

Terminando aqui esta serie de artigos, julgo ter cumprido com o meu dever.

LÉON EUGENIO LAPAGESSE

Desterro, 1º de Outubro de 1888.

A VIDA

Á MINHA IDOLATRADA IRMÃ UBALDINA DE OLIVEIRA

A vida é uma viagem. A principio, attrahidos por um prisma encantador de belas phantasias, que fagueiras

nos sorriem, vamos em leve barquinha que desliza ligeira, impellida por brisa amena que lhe encrespa a véla de nítida alvura.

Descemos um rio que corre mansinho entre verdejantes ribas de copadas arvores, onde respiramos o ar embalsamado de calidos e mysticos perfumes. Por ellas adejam mil borboletas de variegadas côres, zumbem as abelhas, libando o succo dos laranjaes floridos; trinam os passarinhos seus amores nas ramas frondosas que pendem sobre as aguas; e, como encantadas do confortavel frescôr que lhes purifica a seiva, gratas se banham na lymphá pura do rio transparente, que, aos ardôres do sol, deixa vêr os peixinhos e a branca areia do seu leito, em que se espelham as roseas nuvens da manhã, os arre-bôes da tarde e as estrellas que rutilam no céu.

Tudo são risos e cantigas, em tudo resplandece o sol da primavera, e a barquinha engrinaldada resvala descuidosa no liquido elemento, qual graciosa garça em sereno mar; e a noss'alma, prasenteira, abre-se candida e pura como um lyrio ao romper d'alva; vôa em ternos arroubos aos páramos das crenças, e embala-se n'um horisonte estrellado de esperanças,—um infinito de amor.

Ahi, n'esse eden de juventude, hauremos as doçuras da felicidade e adoraremos o regaço da paz. É a barquinha querida, as tempestades da vida, que nos impelle em a um abysmo de insondaveis desesperos; a um oceano de afflicções; então, temos de entrar em navio alteroso, para affrontar vagas encapelladas, onde rugem tormentas de dôres, martyrios e dissabores, bati-do pelas frias e devastadoras rajadas da fatalidade, que potentes nos arrastam a um naufragio de amarguras, entregues ao limite das descrenças.

Animo, pois, minha irmã: A lucta é enorme! O perigo é grande; mas se o teu baixel tiver por piloto a—Caridade, a—Fé por bussola e a —Lei de Deus como roteiro, não tenhas medo de sosobrar; nos dias de tormenta encosta-te a ancora e espera, que chegarás ao porto do Salvamento, sem que hajas manchado as candidas vestes, com que tens de apparecer no fim da viagem perante o Senhor!

IBRANTINA DE OLIVEIRA

Desterro, 1888.

De mais perto...

A JOSÉ DIAS

I

Quanta alegria me váe dentro d'alma, quanto esplendor e que deslumbramento! Todo o meu peito agora é um mar em calma onde não bate da Agonia o vento

Pelo meu craneo sinto a silenciosa esthética do Amor no Ideal nascente, como uma nuvem leve, côr de rósa no regaço azulado do Poente!

Como nos é sadio, auroreante vêrmos os sonhos irem chilreando céo afóra, assim como váe o bando das illusões para um paiz distante.

Ninguém, por certo, n'este mundo aéreo exilará, fitando a ideal doçura de um olhar virginal, trémulo, ethéreo, que é o sól p'ra quem tem a alma escura...

e para aquelles que caminham vendo, como punhies, os cardos da avenida, enquanto fica atraz se despreendendo o invisivel collar de nossa vida.

Nada mais alto, nada mais radiado, nada mais doce do que ter na vida um coração de virgem adorado que nos comprehenda, uma alma refforida

que a noss'alma também radie e enflôre com esperanças e com primavéras, n'um arrebol de amor que nos colôre com tons de luz e as tintas das chiméras!...

Quanta harmonia celestial, sensivel... em nossas scismas! Que luar não visto! Ah! o Amor que nasceu do olhar de Christo nos encoraja a olhar para o Impossivel!

II

oéta, tonto de desejos, certo, nas canções mais cêrulas, e o coração enchendo-te de pérolas!...

CARLOS DE FARIA

Desterro, 1-10-88.

(Meteóros)

IDYLLIOS

Á ALFREDO CALDAS

I

E' tempo de despertares, minha casta Julieta!

O nosso barquinho impacienta-se nas aguas saudosas oureadas das phosphorescencias de teus olhos. Vamos vêr, na primavera da vida, acordar-se o dia, despertado pelos cantos dos passarinhos ao toque da alvorada. Quero gozar ao teu lado os perfumes embriagantes das florinhas, formadas, quem sabe, das graças de teu amor! Tu não sabes, criança, o que seja o despontar da vida, quando mal acorda-se o sonho da esperança.

II

Mais uma vez te digo:—Vamos, a aurora não tarda a raiar, e sinto já a aragem crystalina que nasce pela manhã...

O nosso barquinho não é formado

nem das estrellas do céu, nem das epumas das vagas: é apenas feito de mystico de nossas almas, dos raios do teu olhar.

Elle, impellido pelas auras, deixa-te-ha vêr, como emblema de luz, em letras d'ouro, na véla de setim branco, uma palavra só...

... E esse nome é o teu, minha doce Julieta!

III

Mas estás triste e não me respondes. Não vêes que o barquinho é nossa vida e a vida o nosso amor. Tu irás ao meu lado, em um throno de rosas, e juntamente junto de mim, formando uma das nossas almas, cantarás, como faz graciosa jurity na coma das palmeiras ao lado do terno amante.

IV

E' tempo. Anima-te: não temas que o nosso batel sossobre, quando elle composto do conjuncto de nossas almas, das flôres de nossas vidas.

Vamos vêr, na primavera da vida acordar-se o dia, despertado pelos cantos dos passarinhos ao toque da alvorada.

FERNANDO CALDEIRA

S. Jose-

AIMBIRE

Aimbire, o mais audaz entre os Tamoyos, Por toda parte amigos encontrára, Promptos, como elle, para a grande empre

(MAGALHÃES, Conf. Tamoyos)

Na taba dos brancos quem ha tão valente, que, intrepido, ardente, na lucta se atire qual torva borrasca que em furia desaba? Quem ha n'essa taba como é Aimbire?

Subindo as montanhas, os rios fendendo, e as selvas rompendo, reune guerreiros; a todos inflamma co'a propria pujança; p'ra grande matança tem mil companheiros.

Pesados tacapes, mil arcos robustos guerreiros adustos ferozes manejam; inubias atroam floresta e montanha, que os fortes com sanha vinganças dardejam.

Os brancos audazes
seus filhos roubaram,
seus paes condemnaram
á sorte de escravos:
armados de raios,
trovões despediram,
e o susto incutiram
nos peitos dos bravos.

Sómente Aimbire
não teme seus raios,
nem sente desmaios
no peito altaneiro;
os socios anima,
pavores desterra,
e aos lances da guerra
corre elle primeiro.

Brandindo o tacape,
prostrando os mais fortes,
semeia mil mortes,
mil craneos semeia;
no ardor dos combates,
quando elle apparece,
o imigo arrefece,
passagem franqueia.

Na taba dos brancos
quem ha tão valente,
que tão audazmente
na lucta se atire?
Qual torva borrasca,
sobre elles desaba:
ninguem n'essa taba
resiste a Aimbira.

1871

OS QUATRO MONSTROS

Além da peste, fome e crua guerra,
—Essa horribilissima trindade,
Uma inda mais horrivel unidade
Feros males promove em toda a terra.

Esta o valle transmuda em alta serra,
Converte em grande genio a nullidade;
Desordem traz á inteira sociedade,
Em si todo o possivel mal encerra!

Os tres primeiros á materia a vida
Roubam; porém o quarto, o mais disforme,
Mata a substancia qu'è dos céos descida! ..

Não pára, não descansa, nunca dorme,
Continuando sempre a insana lida;
Seu nome occulto, qu'è d'horror enorme!...

WENCESLAU BUENO

Desterro, 29 de Setembro de 88.

DOLORES

Drama original em 2 actos

POR

Horacio Nunes

PERSONAGENS

Dolores de Sá	19	annos
Barão das Laranjeiras	50	»
Commendador Moreira	39	»
Doutor Castro	45	»
Carlos de Sá	20	»
Augusto de Azevedo	24	»
Manoel de Miranda	40	»
Convidados		
Um criado		

Acto I

Salão luxuoso e illuminado. Portas ao fundo, deixando vêr outras salas illuminadas. A' esquerda, portas. A' direita, uma porta e uma janella. Ao subir o panno, ouvem-se os ultimos compassos de uma walsa. Varios convidados atravessam as salas do fundo, conduzindo damas.

SCENA I

BARÃO E MOREIRA

MOREIRA. — (*entrando de braço com o barão*) — Como deve considerar-se feliz hoje, Barão! (*Sen'am-se no sophá*)

BARÃO. — Hoje como hontem, amanhã como hoje, meu amigo.

MOREIRA. — (*accendendo um charuto*). — Sim?

BARÃO. — O pai que vê n'elles outras tantas...

ção, não pôde ficar de gelo—quando elles são felizes. O commendador não comprehendeste estas alegrias intimas. Case-se, meu amigo, case-se, si quer experimental-as.

MOREIRA. — Oh! comprehendo perfeitamente. O turbilhão dos prazeres do mundo, essas alegrias ephemerhas que por ahi se nos offerecem a cada instante, não valem um unico dos seus sorrisos. As alegrias do lar são as unicas verdadeiras na vida. As mais passam rapidas como o vento, deixando quasi sempre após si os desenganos crueis, as lagrimas da amargura, as tristezas eternas...

BARÃO. — E quando se tem uma filha como eu tenho, uma filha docil, meiga, um verdadeiro anjo, essas alegrias não teem limites: são grandes como o mundo, profundas como o mar.

MOREIRA. — E bella! Oh! não ha belleza que se lhe compare. Estive na Italia, viajei pela França, percorri a Hespanha, e n'esses paizes tão decantados pela belleza de suas mulheres, não encontrei uma belleza igual...

BARÃO. — E o meu Carlos! Sem offensa á mocidade presente, Carlos é o mancebo mais generoso, mais nobre e de mais talento que conheço. Dolores é a minha alegria; Carlos é o meu orgulho. Para ser perfeita a minha felicidade na terra, só falta a minha pobre Maria. Era uma santa. Ha dez annos que a perdi, e ainda a choro. O que a matou mais depressa não foi a molestia: foi a dôr de separar-se de nós. Oh! si a visse poucos momentos antes de morrer! Como chorava aquella pobre alma!... Carlos e Dolores soluçavam em completo desespero, beijando as suas

mãos já frias... E' porque elles, apesar de bem pequenos, comprehendiam o que iam perder...

MOREIRA. — Para que recordações tristes, barão? Para que pensar na morte, quando nos rodeia a vida em toda a sua pujança?... Veja: essas salas esplendidamente illuminadas, essas catadupas de flôres que derramam os seus perfumes inebriantes, esse movimento, essa animação tumultuosa—chamam-nos á plena vida. A saudade, n'este momento, é uma flôr exotica, que não pôde desabrochar por falta de seiva.

BARÃO. — Não se escolhe occasião para pensar n'aquelles que nos são caros. Si assim não fôra, a saudade seria um calculo e não um sentimento.

MOREIRA. — Bem raro é o amôr que vai além da campa. Quando encontramos um amôr assim, devemos veneral-o como um objecto sagrado.

BARÃO. — E' desse amôr que nasce a felicidade do casamento, a tranquillidade da familia, o bem-estar da vida. Os casamentos que assentam sobre tal base são os que mais beneficios promettem á sociedade e que mais garantias lhe offerecem. O homem pobre, que trabalha—mais do que obter com honra o pão da vida, quando cançado e abatido, volta ao lar, enxugando o suor que lhe orvalha a fronte, o que vai procurar, sossego e palpitante?... Um olhar raso de ternura, um sorriso repleto de amôr, o movimento precipitado dos affectos do coração, o osculo puro e santo da esposa querida e meiga, toda carinhosa...

(Continúa)

O CURA SANTA CRUZ

O implacavel carlista, o Cura Santa Cruz,
Que em nome do seu rei, e em nome de Jesus,
Da Navarra febril leva do sul ao norte
O odio, a perseguição, o incendio, o estrago, a
(morte,

Nessa clara manhã risonha do Natal,
Tendo sobre o uniforme a veste clerical,
Na montanha, ao ar livre, á luz do sol diz missa
A' guerrilha que o escuta extatica e submissa.

Como um rebanho vil, a um lado, os prisioneiros
Ouvem-no, a tiritar, cheios de medo atroz:
Olham-se mutuamente os torvos companheiros,
E murmuram: « meu Deus, o que será de nós? »

Porque emfim toda a vez que o sanguinario Cura
Se volta, e o « oremos » diz, segundo o ritual,
Da sacra vestimenta avultam na brancura
de pistolas um jogo e a fôrma de um punhal.

Quando afinal chegou o instante, a occasião
Em que a missa termina, o Cura, erguendo um
(braço,

Grave traçou no ar e na mudez do espaço
O clemente signal da paz e do perdão.

A missa terminára.

O Cura nesse dia,

Como sentisse n'alma uns raios de alegria,
De bondade e de amor, foi-se direito ao bando
Dos captivos, e assim fallou circumvagando
A vista em derredor: Hermanos, viva Dios!

« Corre ahí que sou máu, fanático e feroz...
« Pois em breve ides vêr como se engana, quem
« Diz que eu sou o anti-Christo e que abomino o
(bem.

« Como é dia de festa e é dia de Natal,
« Dou-vos a liberdade; e não vos quero mal!

« Mas haveis de primeiro, e isto prompto e sem
(custo

« De joelhos beijar o pavilhão augusto
« De El-Rei nosso senhor... »

E mandou desfaldar
O carlista pendão, branco como o luar.

Todos logo á porfia atiram-se por terra
E um grito: Viva El-Rey! echoou de serra em
(serra.

No entanto um prisioneiro, um moço imberbe
(ainda,

Firme ficou de pé, e olhava com infinita
Expressão de desdem a extranha vilania...
Braços postos em cruz, e intrepido sorria.

« E tu? » surpresa disse o transtornado Cura.
—Padre, volveu-lhe o esbelto joven, com brandura,
—Mata-me, aqui me tens! rio-me d'esse panno!
—Ao teu rei não me curvo... Eu sou republicano...

O Cura um aceno fez; formou-se um pelotão:
« Vamos! inda uma vez, viva D. Carlos!

Não!—

E havia n'essa voz tamanha heroicidade
E uma energia tal, que uns longes de piedade
Scintillavam no olhar do torvo guerrilheiro.

« Muito bem, morrerás: mas dize-me primeiro,
« O que desejas tu? Queres beber, fumar?

—Padre, se vou morrer quero-me confessar...
« Ouvir-te-hei » disse o Cura, e ao acaso, n'um
(granito
Assentou-se.

O captivo, olhos no chão, contricto
Os joelhos dobrou... Nesse fugaz instante
Elle viu, elle viu, n'um sonho lacrimante,
A sua infancia, o lar, o tecto de seus paes,
Os choupos do seu rio, os placidos casáes:
Viú a noiva gentil, a igreja, os arvoredos
E os parentes e irmãos, socios de seus brinquedos.

Ah! quem póde esquecer o seu paiz natal!
Ah! quem póde esquecer a benção maternal!

Em distancia a guerrilha os dous observa...Então
Emquanto o padre escuta attento o prisioneiro,
Subito uma descarga estoira na amplidão.
Tremem a serra e o val, treme o desfildreiro.

« A's armas! o inimigo! » a sentinella brada.
De golpe ergue-se o Cura, e á joldra amotinada
Voa, dá ordens, clama, enquanto as balas chovem.
N'isto viu que inda estava ajoelhado o joven!
Pára.

« Que fazes tu? » indaga em tom severo
—Padre, diz a creança, a absolvição espero.—

E em meio da febril convulsão da batalha,
Emquanto rompe e rasga os ares a metralha,
Viú-se o Cura depois de abençoar, ligeiro,
A fronte juvenil do heroico prisioneiro,
Pegar de uma clavina, e dando um passo ao lado,
Varar tranquillamente o craneo do soldado.

(Dos NOCTURNOS de Gonçalves Crespo)

MAIS UMA

(SCENAS DE PROVINCIA)

(Continuação)

Quando a Joaquina saiu, as duas
mulheres ficaram silenciosas, embara-
çadas. Aquella visita humilhava-as. A
velha tocara n'uma questão, que se
não discute entre mãe e filha. E, depois,
já não tinham a colera desdenhosa com
que semanas antes se applaudiam de
repellir as offertas do Cardoso: Hoje na
sua recusa havia reticencias. A Benta
sentia um remorso subtil de ter cum-
prido o seu dever. Porque, emfim,
aquelle auxilio podia ser a salvação;
e... quem sabe, talvez fosse desinte-
ressado. Mas, perdido elle, estava tudo
acabado. Desajudadas e sós, n'aquella
honestidade que ninguem lhes agrade-
cia tinham diante de si a miseria. E a
Benta fixava tristemente os olhos na
porta, e a Benta não tinha mais nada para o quin-
to. No quadro lu-

da porta, sobre o azul claro e
rosado do céu de verão, desenhava-se
em negro a figura esbelta da rapariga,
com a cabecinha graciosamente pou-
sada sobre os hombros, coroada pela
massa dos seus cabellos opulentos. Em
volta d'ella brilhava uma aureola de
belleza robusta e sã, de mocidade em
folha, que já agora... era todo o seu
«capital».

Os dias corriam. As courellas do
Sesmo, vendidas em praça, arremata-
das pelos Farias, mal tinham dado para
a hypotheca. Estava annunciada a ven-
da dos olivae e da vinha. O Chinha
da diligencia, na liquidação da lettra e
de outras continhas, ficava com os car-
ros e as parelhas. Levava mesmo
aquella cabra da mulla lazan, que ti-
nha causado a morte do Camacho. E
varias dividas mais pequenas surgiam
de todos os lados. O estado entrava
tambem no rol dos credores. Nos ulti-
mos tempos, o Camacho, atralhado,
não pagava nada; e agora appareciam
as contribuições, relaxadas, engrossa-
das pelos tres por cento, e pelos seis
por cento, e pelas custas, e por outros
seis por cento. Em casa da viuva cho-
viam avisos, mandados, citações, con-
tra-fés — uns papelinhos impressos,
cheios depois com hieroglyphos ma-
nuscriptos. A mulher não percebia os
papelinhos. Nem os hieroglyphos, por-
que nunca ninguem os percebeu; nem
mesmo o impresso, porque não sabia
lêr. Quando lh'os liam, quando lh'os

explicavam, continuava a não perceber.
E esta incompreensão augmentava o
seu terror. Sentia pesar sobre si, uma
coisa inexplicavel e vaga como a fata-
lidade antiga. Julgava-se condemnada,
perdida—mettida em justiça. Esta pa-
lavra «justiça», tão desviada do seu
sentido primitivo, aterrava-a, tomava
para ella a significação de uma grande
machina, impessoal e dura, contra a
qual é impossivel lutar; de uma en-
grenagem, que pega nos pobres e nos
pequenos, triturando-os, laminando-os,
deixando-os sem facto e sem pelle. E,
succumbida, aniquilada, sentada na
cadeirinha baixa, as mãos no regaço,
via as suas coisas partir uma a uma.

A Rita não soffreu tanto. Reagiu com
a sua mocidade alegre e descuidosa.
Começou a ir regularmente aos traba-
lhos do campo; e, nas conversas pi-
cantes do rancho, nas noites dormidas
de um trago, depois do cansaço do dia,
quasi não tinha tempo para pensar.
Teve porém dois grandes desgostos.
Um d'elles foi o abandono do Zé Se-
vero; um abandono gradual, sem crise
e sem explicações. Tambem, o Severo
não lhe devia nada; era apenas um
namorado, que pouco a pouco deixou
de rondar a rua, e de se demorar na
esquina em descantes nocturnos. A Rita
pariga não gostava muito d'elle; te-
mais «ferro» do que pena de ser aban-
donada; mas teve um grande «ferro»,
sobretudo quando uma amiga bem in-
tencionada a preveniu de que o

rapaz arrastava agora a aza á Chica
Sirqueira.

Mas um desgosto mais fundo do que
o abandono do Severo, foi o da venda
das suas argolas de ouro. Eram umas
argolas grandes, bonitas... muito lin-
das, que lhe trouxera o pae da feira
de Evora. Ninguem as tinha assim na
villa, nem as filhas dos ricos. Já no
inverno, depois de vendidas as fazen-
das e as casas, as Camachas tiveram de
vender as argolas, para pagar a renda
de uma casita pequena, onde se reco-
lhessem. E a Rita passou uma noite
inteira a chorar, soluçando, molhan-
do o travesseiro com as lagrimas gros-
sas. Gostava muito das suas argolas.
Sabia que lhe ficavam bem. Tinha
saudades d'aquellas curvas brilhantes
do ouro, acompanhando gentilmente as
faces, onde, adiante da orelhinha rosa-
da, a pega do cabello forte se esbatia e
descia em penugem fina. Depois, a
venda das argolas era o seu sacrificio
pessoal. Nunca percebera bem a quem
pertenciam as fazendas. Julgava-as da
mãe. Mas as argolas eram «suas». Ao
vendel-as sentiu pela primeira vez o
toque directo e frio da pobreza. Viú-se,
de repente, descer ao nivel das moças
mais pobres do rancho, d'aquellas que
tinham tombas nas botas, e remendos
nas saias.

(Continúa)